UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO – DUKE UNIVERSITY  
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
CEDIM (CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. Permitida a cópia xérox. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

Augusto, Adailton Maciel. *Adailton Maciel Augusto. Nova Iguaçu, CEDIM, 2018. 34 p.*

**Adailton**

**Maciel Augusto  
 (2018)**

Nova Iguaçu   
2018

***Ficha Técnica***

**Entrevistador(es):** Travis Knoll. **Data:** 06/12/2018

**Levantamento de Dados:** CEDIM (Centro de Documentação e Imagem do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro) e Libertar, Inculturar, Educar! Católicos Negros Brasileiros, Justiça Racial e Ações Afirmativas do Rio de Janeiro a Brasília.

**Temas**: Teologia negra; Seminaristas; Consciência Negra; Baixada Fluminense; Nova Iguaçu; Miguel Couto; Pastoral do Negro; Agentes Pastorais Negros; Teologia da Enxada; Comunidades Eclesiais de Base; Dom Fernando Gomes; Goiânia; Revista Eclesiástica Brasileira; Igreja popular; Campanha da Fraternidade; Pastoral da Terra; Pastoral da Negritude; Pastoral da Educação; Centro-Oeste; Centro de Formação Pastoral; Bíblia na ótica da negritude; Congregação Imaculado Coração de Maria; Missionários do Sagrado Coração; Comissão Diocesana de Direitos Humanos; Carlos Mesters; Padre Agostinho Preto; Dom Adriano Hypólito; Teologia da Libertação; Pastoral Operária; Pastoral do Mundo do Trabalho; Pastoral Afrodescendente; Movimento de União e Consciência Negra; Ideologia do Embranquecimento; Inculturação; Seminário de Assunção; Toninho Aparecido; Frei Davi; Sino dos Bispos; Vaticano II; Roma; Comunidades Eclesiais de Base; Lula; Sindicalismo; São Paulo; Rio de Janeiro; Grupo de Religiosos Negros e Inculturados; Igreja Universal do Reino de Deus; Neopentecostalismo; Pentecostalismo; Pão; Saúde; Amor; Teologia da Prosperidade; Ditadura Militar; Rede Globo; Deus é Amor; Solidariedade; Fraternidade;

Travis: Ok. Estamos aqui com o Adailton, professor de Teologia e recém ordenado. Este é um projeto do Centro de Documentação e Imagem em parceria com a Cúria. E esses depoimentos vão tratar da teologia negra e também, a luta pela educação especificamente como parte da minha tese de doutorado. Mas como esse é parte de um projeto do Centro de Documentação e Imagem também, sobre líderes da Baixada, vamos também tratar duma trajetória mais geral também, não só as questões do meu projeto. Então, depois essa entrevista se Deus quiser vai ser transcrita pelos bolsistas que estão transcrevendo as outras entrevistas que fiz ano passado e depois serão disponibilizadas para outras pesquisas no Brasil depois da minha tese de doutorado. Então, para começar, seu nome completo e data de nascimento.

Adailton: Adailton Maciel Augusto. 02/08/1967.

T: Sim. E como chegou… como chegou a tratar da questão racial e também como entrou na questão vocacional, primeiro como diácono e depois, por fim (…)

A: Presbítero.

T: Sim.

A: Eu por ser negro, né, de família em Minas Gerais, ali de onde… de Barbacena, São João del-Rei, Tiradentes…

T: Sim.

A: Ali são as minhas origens. Família negra tradição negra, cor preta, digamos assim. Também isso, aquelas cultura, onde eu nasci, onde eu vivi, era muito marcante, né. A minha passagem pela vida religiosa, ela me segregou da família muito cedo. Entrei no seminário pra almejar a vida sacerdotal com dez anos, depois eu sai, fugi, depois retornei novamente. A minha inserção consciente ou o processo de consciência na época chamava, “consciência negra”, depois evolui pra “consciência de negritude”.

T: Sim.

A: Ela tem muito a ver aqui com essa realidade de… da Baixada Fluminense, de Nova Iguaçu. Aqui no Seminário Paulo VI eu tive o privilégio, entre 1987 e 88, de estudar.

T: Uhum. E como chegou a Paulo VI de Minas Gerais?

A: Indicado por um sacerdote amigo, um irmão, que viu em mim, na minha pessoa, alguém em busca de algo pra vida religiosa que se parece com aquilo que eu estava despertando, né.

T: Sim.

A: Ao vir pra cá eu morava em Goiânia, na diocese de Goiânia. E estudei aqui por opção em consonância com a arquidiocese de Goiânia.

T: Ah:::…

A: Lá eu já militava em 85, mesmo sendo jovem, em 85, 86, vim pra cá em 87. Eu militava nas pastorais de teor social em Goiânia. E lá era uma das referências a pastoral chamada, Pastoral do Negro.

T: (não entendi 03:55 min.) depois?

A: Depois. Depois. O nome era esse, Pastoral do Negro, APN’s. Mas a palavra mais comum que se usava… acho que essas categorias são boas pra você depois trabalhá-las.

T: Sei.

A: Essa palavra que você usa não tinha na época. A palavra forte na Igreja do Brasil era APN’s, Agentes de Pastorais Negros e Negras. APN’s, todo mundo falava assim. 85, 86, 87, o pessoal da igreja, “os APN’s”, mulheres e homens. Então, lá em Goiânia, eu aí comecei em 85, 86, a ter contato, né.

T: Sim.

A: Uma igreja muito inserida, muito aberta na época. Tinha morrido a pouco tempo Dom Fernando Gomes, guarda esse nome, é importante pra você. Fernando Gomes foi Arcebispo em Goiânia, um dos idealizadores das lutas sociais de resistência na época de ditadura.

T: Sim.

A: Tem até uma revista REB toda dedicada a ele, Dom Fernando Gomes. Já encontraste? Procure essa revista se você não encontrou, REB.

T: Sim. REB eu encontrei.

A: A Revista Eclesiástica Brasileira. Dom Fernando Gomes não, né? Nunca pegastes esse volume?

T: Não.

A: Tem um volume dedicado a ele. Então, você vai ter uma ideia da igreja de Goiânia. Era uma igreja vinculada a questão da terra (…)

T: Sim. Sim.

A: (…) A questão da consciência popular, das CEB’s ((Comunidade Eclesiais de Base)). Enquanto as CEB’s de 86, começou a ser preparado começou a ser preparado quando Dom Fernando era o bispo, ele morreu ai no meio e entrou no processo Dom Antônio Ribeiro que foi o bispo que deu sequência ao trabalho de Dom Fernando, enfim. Esse contexto, eu estava em Goiânia, vivia a vida da arquidiocese em Goiânia entre 1995 e 96, pertencia Goiânia. Mas eu tinha um *tino*, uma direção de sempre estudar e pesquisar. Goiânia é muito *pé no chão*, muito prático.

T: Sim.

A: Uma herança, um incentivo, uma forma de viver, a famosa “Teologia da Enxada” do padre (não entendi o nome 05:56 min.) que já estava na Bahia, no Nordeste. Então, lá em Goiânia eu despertei gradualmente pra questão da consciência. Porque era uma igreja inserida naquilo que se acreditava ser uma igreja popular. Outra categoria importante pra você trabalhar.

T: sim.

A: O conceito de igreja popular.

T: Sim.

A: Hoje, talvez questionável, por aí vai… Então, lá eu despertei mais a minha vontade de pesquisar, de estudar, isso me faltava em Goiânia, foi quando eu tive contato aqui com Nova Iguaçu, que tinha aberto a teologia da casa do Seminário Paulo VI, né, em 85, 86, por um diálogo com um padre aqui da Baixada, não daqui explicitamente de Nova Iguaçu, mas de Petrópolis, mas conhecia bem aqui, que estava em Caxias. Dom Mauro Morélio já estava em Caxias.

T: E o padre foi quem?

A: Geraldo Tamioso (não tenho certeza quanto ao nome e sobrenome 06:45 min.).

T: Hum…

A: Hoje, ele abandonou o ministério, ele está… aquele sacerdote que eu levei lá na frente no dia da minha ordenação.

T: Ah, sim.

A: Um mais velho que eu chamei de sacerdote, lembra? Um careca?

T: Sim.

A: lembra?

T: Sim.

A: Lembra, foi umas quatro pessoas. Geraldo tinha sido ordenado pelo Papa João Paulo II, em 79.

T: Ãh…

A: Então, o Geraldo me indicou aqui, 86 a… 86, final de 86. Puxa, Goiânia, é… é… é… Nova Iguaçu parece ter seu rosto, como lá em Goiânia tem a teologia prática e gosta também da reflexão, a filosofia prática, perdão, e a teologia prática em Goiânia. Porque que você não negocia e vem fazer a sua filosofia, né… concluir, eu fiz dois anos aqui no Paulo VI de bispos e de formadores. E eu vim, pertencendo a Goiânia, morando aqui na Baixada, morava em Piabeta na casa de um padre amigo e vim estudar no Paulo VI. Então, eu trouxe de Goiânia, né, um ano e meio, dois anos, de vivência de uma igreja popular.

T: Sim.

A: Cuja questão dos APN’s já era forte. Então, quando eu paro aqui em 87, 88, né, era um momento de explosão dessa… desse apelo de uma igreja com clamor de rosto negro. 88 foi a Campanha da Fraternidade, não é isso?

T: É.

A: Então, aqui, quando eu vivi aqui, era uma igreja, Nova Iguaçu, além da prática, tinha o Seminário Paulo VI já com uma biblioteca nascente, uma biblioteca muito boa no sentido de uma igreja comprometida. Até hoje é uma bela biblioteca, no Paulo VI.

T: Sim. Sim. Eu fui.

A: Precisa organizar um pouco mais, ficou meio parada ainda um tempo pela forma como foi cuidada. Mas é uma biblioteca respeitável, de profundidade, de filosofia crítica e teologia crítica. Então, quando eu caí aqui, foi o processo da minha vida. Daqui pra frente, eu aprimorei questões teóricas e práticas, retornei pra Goiânia depois.

T: Sim.

A: Em Goiânia eu vivi um tempo… iniciei a teologia lá, fiquei um ano por lá, um ano e meio. Houve uma ameaça de morte. Eu trabalhava com a Pastoral da Negritude, a palavra não era essa, tão *mordida* como hoje usa. E eu trabalhava na Pastoral da Terra e nos Agentes de Pastorais Negros. Eu fui Assessor do Regional Centro-Oeste no ano de 89 e 90. Eu fui Assessor do Regional Centro-Oeste de Goiás, Mato Grosso, Tocantins, não tinha de Tocantins, tá nascendo daqui a pouco… Goiás, Mato Grosso e Distrito Federal. Eu fui durante um ano e meio, dois anos assessor na linha da CNBB pra esse grupo de Agentes Pastorais Negros e fazer os encontros ali de 6 em 6 meses e encaminhava.

T: Trabalhava junto com Pedro Castro Dáliga em algum momento?

A: Não. Dom Pedro eu encontrei no Centro de Formação Pastoral lá de Goiânia, porque era o Centro-Oeste e ele estava sempre por lá.

T: Sim. Sim.

A: Tive oportunidade de abraçar, de conviver nas reuniões nossas do Centro-Oeste.

T: Mas ele não participava em seu setor na Pastoral da Terra?

A: Não. Não. Assim… eu estava com ele, encontrávamos em geral em Goiânia para esses encontros. Minha inserção maior foi na Pastoral da Negritude, na época chamada APN’s, Agentes Pastorais Negros, como assessor. Eu estava na questão da terra muito mais como solidário a causa e trabalhava no assentamento na periferia de Goiânia. Então, isso me aproximou.

T: Sim.

A: Então, o meu encontro com questão da terra se dava muito mais na capital do que… Goiânia… do que nos outros estados. Os APN’s não, os APN’s eu tinha um contato muito mais próximo.

T: Vamos voltar pra 87, 88. Você conheceu Xavier Obertal?

A: Obertal, Xavier Obertal. Sim conheci.

T: Xavier, sim.

A: Fomos colegas aqui no Paulo VI. É, se não me falha a memória, eu na filosofia, segundo ano e ele no primeiro ano de teologia, segundo, ele estava na época uns três anos na minha frente, se não me falhe a memória.

T: E Aílton Isias da Silva?

A: Tinha também. Esse nome não me é estranho, mas…

T: Sim. Agora ele está no Equador, mas ele foi do Rio. Ele foi ordenado por José de Maria Pires em 87.

A: Ah! Isso, to lembrando. Certo. Aqui tinha um grupo muito forte, né. A própria diocese de Nova Iguaçu tinha naquele contexto, é aí que ele fala, o lado prático e teórico era forte aqui, buscava-se uma fundamentação a partir disso, né. Eu me lembro de um encontro aqui de Agentes Pastorais Negros com Carlos Mesters lendo os profetas da Bíblia. A Bíblia na ótica dos Agentes Pastorais Negros. Surgiu uma *apostilazinha*, não sei se você encontrou aqui no arquivo, ou deve ter lá no Seminário Paulo VI.

T: O ciclo bíblico?

A: Não. Ele veio dar uma formação, passaram o final de semana, o Carlos Mesters, procura depois, a “Bíblia na ótica da negritude”, algo assim.

T: Sim.

A: Foi feito o subsídio, uma revistinha que passou-se o final de semana estudando na ótica dos profetas, por aí. Você deve achar, 85, 86, 87. É Carlos Mesters que faz uma leitura da Bíblia na ótica negra. Éh::: as congregações religiosas que passaram por aqui, CICM, é Consolato eu não me lembro, tinha uma consciência crítica boa sobre a questão da negritude, Congregação Imaculado Coração de Maria, né. Éh:::: Consolato eu não me lembro. MSC, Missionários do Sagrado Coração, Volta Redonda, Caxias… as dioceses, Barra do Piraí, Valência… que aqui estavam, a linha de formação prática e teórica contribuiu muito pra que naquele contexto de 87, 88, esse tipo de pastoral tivesse um peso muito grande.

T: E José Maria Pires consta bastante… éh:::… ele visita bastante a Comissão Diocesana de Direitos Humanos e:::… e::: (…)

A: Naquele contexto da época?

T: Sim. Sim. Até:::… vai até… antecedentes no informativo com ele vai até 78, que tem uma visita dele, éh::: você… mas encaminhando fizeram toda uma missa a redor do Aílton Isias, né. Essa pessoa do Rio que não foi permitido de ser ordenado da forma que ele queria, de missa *inculturada*. Então, o José Maria Pires presidiu aqui na catedral uma ordenação (…)

A: Eu não estava. Não estava. Eu não estava.

T: Em 87?

A: Mas eu não estava, eu não pude estar.

T: Ãh…

A: Eu me lembro sim do fato, por isso que eu lhe digo. Como eu morava… não residia aqui, né, eu estava no limite da diocese de Caxias com Petrópolis (…)

T: Ãh…

A: Tinham situações que eu tinha uma vida lá na paróquia onde eu vivia, né.

T: Ah, sim.

A: Pode ter coincidido algo assim, eu não me lembro, a memória não flui… não flui. Porque como eu lhe disse, como eu estava na filosofia, meus contatos eram com outros grupos, né.

T: Ah, sim.

A: Percebe? Esse pessoal já tava na teologia.

T: Ah, sim.

A: O compreendeu? Eu estava um pouco…

T: José, por exemplo, estava já no seminarista(…)

A: Isso::::. Então, eu vinha… o nosso grupo era um, o grupo da teologia era o grupo da teologia. Então… e éramos aqui as várias dioceses do jornal, né, com exceção do Rio.

T: Grupo de Teologia Negra?

A: Não, não, não. As dioceses presentes aqui eram variadas.

T: Sim.

A: Então, tinha um grupo grande aqui no Seminário Paulo VI articulados na questão afro, puxados nitidamente pelo Obertal. Ele era o sujeito que puxava com muita força com alguns religiosos. Eu me lembro do Jacó, me lembro do Marco André. Não sei se eles continuam na vida… Marco André deixou, não sei se chegou ao sacerdócio. O Jacó eu acho que era CICM ou MSC, como ele disse. Tinha um núcleo forte (…)

T: Sim.

A: Tinham pessoas negras envolvidas. Tinha uma professora e psicóloga, acho que era chamada Conceição, que era uma mulher de Nilópolis muito consciente, né. O formador contribuía pra isso, um italiano chamado Giovanni Semeraro, já deve ter ouvido esse nome. Professor Hugo Paiva, esse nome é impor… são pessoas de pigmentação de pele branca, mas que davam abertura a causa com muita veemência, né. Então, nesse período na diocese os ares eram muito positivos pra fermentação, solidificação dessa pastoral.

T: Sim.

A: Como eu não era da diocese.

T: Ah, sim.

A: Certo? Eu não tinha aqueles vínculos com a diocese. Eu vinha estudar aqui, alimentava a minha prática pra levar pra Goiânia aquilo que eu achava aqui.

T: Teve muito contato com Adriano Hypólito pessoalmente?

A: Algumas vezes estive com Dom Adriano Hypólito, algumas vezes.

T: E como ele viu essa questão da negritude, especialmente a Campanha de 88?

A: De olhos abertos… a meu ver e apoiando insistentemente a iniciativa que nós participávamos e estivéssemos. Eu pude ver em Dom Adriano muito nitidamente isso. Que havia um elo nas dioceses, que eu to dizendo, havia um linguajar muito comum de bispos, dos pastores com as bases. Então, essa era uma prioridade de uma realidade da Baixada onde o racismo era nítido. Dom Adriano tinha palavras nítidas, né, sobre (…)

T: Só que tinha também que o movimento poderia virar elitizado também (…)

A: O que qualquer bispo sensato naquele contexto viria, né. Porque Dom Adriano era muito bem assessorado também, né. Eu tenho uma leitura da igreja no Brasil que todos esses bispos ou quase todos, a unanimidade não existe, né, alguém disse que a unanimidade a burra, não é isso? A gente quer generalizar, controlar de forma geral. Eu sempre gosto muito da expressão “quase”, né. Quase unanimemente, se pegar os bispos escolhidos nos anos 70, na época de Paulo VI, que foi esses bispos que se tornaram possivelmente bispos referenciais (…)

T: Sim.

A: (…) (Não compreensível 17:32 min.), por exemplo. De lá pra cá, os de São Paulo, o do Sul, os do Nordeste, dos anos 70, em geral, eles têm uma boa assessoria, não *falam ao léu.* Então, Dom Adriano também tinha. O homem de confiança dele aqui chamava-se, no contexto dele eu posso talvez dois ou três nomes indicar, né, o Padre Agostinho Preto, não é isso?

T: Sim.

A: O Bruno depois foi se tornando e seu tornou, não é isso?

T: Sim.

A: Esse professor Hugo Paiva, do ponto de vista de assessoria. Têm mulheres também que a memória agora não aflui, né, que eu apresento pro cenário. Mas Dom Adriano como qualquer sensato, não era insensato, qualquer forma de elitização ou de intelectualização demais, fugiria das bases e ele era um homem das bases. Então, o bispo das bases tem preocupação com a elitização ou, diria, para além da elitização, o domínio de algo que nasceu libertário por um grupo que traduz isso burocraticamente. Burocraticamente, quase que nada na Baixada resolveria nada, né.

T: Hum…

A: Na realidade eu me lembro disso, como que aqui explicitamente havia assassinatos de negros e negras nos anos 80, no tempo que eu vivi aqui, metade. A maioria dos assassinatos que saiam nos jornais negros e negras, era nítido nos jornais da época. Não sei se você teve contato com eles, vale a pena pegá-los. Jornais, da banca.

T: É onde Davi surgiu com proeminência, ele foi de pilar e foi denunciando casos de violência antes de virar referência sobre a questão da negritude em sim. Ele parece em vários jornais falando sobre a violência.

A: E era algo, eu me lembro das manchetes, todos os dias eu vim estudar aqui e eu parava nas bancas pra ver as notícias, né e eu fui guardando as imagens de jornais. Negros e negras nas valas podres, essa valas, tipo rios que tem por aí, né, assassinados, humilhados, violência contra a mulher, violência contra criança, né. Um povo despossuído totalmente, negros e negras, de esperança, de luzes, de dignidade. Isso me assustava muito e ainda me assusta em 2018. Não mudou muito não, tem 30 anos já, né. Então, Dom Adriano eu coloco assim, um homem que se converteu na Baixada, “os pobres o converteu”, diz ele.

T: Sim.

A: Ele mesmo diz, “que os pobres o converteram”, tá escrito por aí. Como bom franciscano espírito faz abrir e perceber uma realidade que não é Petrópolis, né. Que muito nítido a meu ver no Regional Leste 1, é muito nítido esse contraste, né. Petrópolis, Teresópolis, Friburgo, também Volta Redonda, depois que sobe a Serra das Araras, isso aqui é um mundo, que eu costumo dizer, a Baixada, uma favela horizontal, no sentido de as bonécias fundamentais não chegam. Eu, por exemplo, morei a 30 anos atrás do outro lado da Baixada e vinha de madrugada pra cá, quatro e meia da manhã, cinco horas, e as mesmas valas que eu via a 30 anos atrás, eu continuo vendo. O Hospital de Saracuruna, que é pro lado de Saracuruna, Jardim Primavera, Imbariê, Washington Luís estava se fazendo em 1987, 88, fez-se o hospital. Mas é um hospital nos maldes do Hospital da Posse, né. Sobrecarregado, recebe acidentes, recebe essa gama enorme de população sem conseguir atender, sem dinheiro, sem infraestrutura. Eu to dando dois exemplos né, o saneamento das valas e da saúde pra gente ver a distância e como prevaleceu, né, quem ainda está fora do trabalho aqui, quem ainda ganha menos aqui, quem ainda é escravizado aqui, nitidamente, pigmentação de pele, negros e negras. Se formos olhar o clero, mudar um pouco o foco da conversa (…)

T: Sim.

A: Se você olha um pouco pro clero, proporcionalmente na diocese também, quem é negro que *nasceu* na diocese? Vale a pena um dia fazer essa… não só aqui, mas em outras dioceses do Brasil. Trabalhei uns anos em São Paulo, 25 anos como professor de Teologia e História e Antropologia Cultura. Éh::::… nós éramos na teologia durante os 25 anos, negros, padre Toninho, vou começar por ele, Rufino, que era um padre Comboniano que faleceu há um tempo atrás em Montes Claros. Fundou algo que é importante você saber, ele criou junto a universidade, UniMontes, de Montes Claros (…)

T: Sim.

A: Ele criou um órgão que aproxima África do Norte de Minas vinculado a UniMontes, Universidade de Montes Claros.

T: Ah, sim.

A: Ele cria um mecanismo de pesquisa.

T: Ah, eu lembro.

A: Ele foi deslocado daqui pra lá. De São Paulo, perdão, onde ele morava como padre, a criar esse núcleo. Ele foi um padre africano de raízes, né, bem… bem… bem objetivas, consciente. Havia a professora Sônia, da filosofia, eu, quatro pessoas, o Toninho, que é um outro padre, de Santo André, esse você não conhece. Vale a pena um dia você o encontrar. Diocese de Santo André, Antônio Luís de Araújo.

T: Ãh…

A: Antônio Luís de Araújo. Tá lá ainda, diocese de Santo André. Esteve vinculado aos franciscanos. Então, de um certo modo, em São Paulo, por exemplo, nós éramos durante os 25 anos, no meio do caminho de uma cidade de 12 milhões de habitantes hoje, nós éramos cinco negros. E eu encontrei uma única mulher negra durante 25 anos no meio da teologia.

T: Que era essa Sonia?

A: A Sonia é leiga, é uma moça leiga, professora de filosofia. Teologia eu não me lembro de mulheres negras nos Institutos de Teologia, eu não sei e eu dei aula em quase todos. A não ser que tenha dado aula um semestre, dois, e depois tenha ido embora né. Mas durando no tempo, teve padre Toninho, que foi diretor lá na Faculdade de Assunção, padre Eurenita, né, lá da igreja de… da Querupita, lá no Bairro do Bexiga, esse Rufino, que deve ter ficado uns 8, 9 anos, esse Comboniano, éh::: eu, que permaneci o tempo que foi possível ficar, a Sonia e esse Toninho Araújo, da diocese de Santo André, vizinha.

T: Sei.

A: Padre passou… passou pelos franciscanos. Eu to tocando nisso pra gente voltar pra nossa Baixada né. Uma pergunta boa também pra ti, né!?

T: Sim.

A: Nesse processo de luta, você vê muitos negros aqui entre os religiosos, Consolato então, aqui em Engenheiro Pedreira, não é isso?

T: Sim.

A: Bonfins… já, que foi meu aluno lá em São Paulo há quinze anos atrás. Um belo aluno. Fez comigo História, História do Cristianismo, todos os períodos.

T: João Batista?

A: João Batista. Tá indo embora agora, Dom Luciano comunicou que vai embora, esses dias agora.

T: Ele vai embora?

A: Vai embora agora. CICM né? Isso… Não sei. (Não entendi 25:37 min.) vai atrás dele. Outros que eu não conheço do CICM, se representa nítidos de negros nas congregações. Na diocese é menos, né. Pega o clero, 80, 90, a presença é pouca. Os diáconos permanentes… bastantes até. Deve ter uns 5, 6, 7, diáconos já, por aí. São 26, 27… mas proporcionalmente, né, a inferioridade numérica. No clero, do mesmo modo. Qual é questão, né? Qual é a questão?… Então, você vai pra vida social, os direitos básicos, a educação, quem mora nos lugares mais pobres da Baixada. Tudo isso, me parece, que Dom Luciano ou Dom Adriano vislumbravam num contexto de um grupo que eles faziam parte, né. Ele foi um dos que abraçou a coleção Teologia da Libertação. Aquela coleção de 55 volumes, que não saíram, me parece, nem a metade.

T: Ah, sim.

A: Que por ser bloqueado. Ele fez parte do grupo que assinou. Pra assinar aquilo ali, né… ali tem volumes dedicados a causa indígena, a causa dos excluídos, também, de forma transversal, a questão negra, de negritude, né. Então, se o próprio Obertal ordenasse padre e sempre se mostrar padre com liberdade plena dada a ele, mostra a cabeça sensível de Dom Adriano. Podia não ordenar, tem bispos que não ordenam, não é isso? Tem bispo que não ordena, tem bispo que segura. Então, Obertal tinha plenos poderes de agir, de celebrar, de presidir, de coordenar. Foi uma época muito feliz aqui. Lembrando que ele não estava isolado, né. Do lado tinha a diocese de Caxias, onde estava frei Davi, que foi fazendo todo um processo, o Davi como franciscano, né. Ele deixou a vida franciscana. Nunca deixou, perdão. Davi que passou pela ida diocesana, depois se tornou franciscano, a história do Davi tem algo assim, procura saber depois. Diocesano que veio pro mundo franciscano, se não me falhe a memória. Então, tinha todo um ambiente na Baixada propício pra pastoral, pros APN’s, voltando a palavra da época, Agentes de Pastorais Negros, você vai encontrar nos documentos isso, Agentes de Pas… essa palavra depois foi, Pastoral da Negritude, Pastoral Afrodescendente. É como Pastoral Operária que eu militei em São Paulo, assessorei e gerou até um mal estar. Até onde nos Agentes de Pastorais Negros isso também ainda não gera? Deixo a pergunta pra você. A Pastoral Operária nasceu entre 65 e 66 na cidade de São Paulo, com um leigo chamado, Valdemar Rossi, ao mesmo tempo vinculado aos padres do trabalho, né. Eu entrevistei muito Valdemar na época da minha dissertação de mestrado em História, que foi sobre a “A história da Pastoral Operária em São Paulo”. Nos anos 90, essa palavra “Pastoral Operária” foi gradualmente substituída por “Pastoral do Mundo do Trabalho”, tirando o lado conflitivo. Quando você fala “operariado”, você está do lado do operário, “Pastoral do Operário”.

T: Sim.

A: Quando você fala “Mundo do Trabalho” você cria (…)

T: Conciliações?

A: Isso! Você cria conciliação. Interessante… Quem sabe essa palavra “Patoral da Negritude” seja conciliadora ou não? Te deixo a pergunta. Né, no conceito de negritude. Essa evolução eu acompanhei bem né. Eu me lembro, brancos podem estar no nosso meio ou não? De pigmentação de pele?

T: Uhum.

A: Havia gente que resistia, outros não. Tinha gente que dizia, “Não, então, não é!”. Vivia esse omento de amadurecimento dessa categoria. Quem somos nós, né? Qual a nossa identidade? O quê que a gente quer chegar? Qual as nossas bases? Somo igual ao Movimento de União e Consciência Negra? Somos igual aos movimentos que reivindicam através do sindicato melhoria de condições para os negros e negras? Ou somos um grupo que a partir da fé, já que Agentes de Pastorais Negros, vistos como pelegos por muitos, né. Como pessoal do PT ((Partido dos Trabalhadores)) da igreja, eram chamados de igrejeiros. Então, gente que saiu da igreja, que está dentro da igreja, que entrou no PT nos anos 70 pra 80. Outras alas n]do PT chamavam o pessoal do PT que é de igreja de “igrejeiro” e alguns, chamavam o pessoal da igreja até de “pelegos”, quer dizer, “reacionários”, “em cima do muro”, “nunca se fará a revolução que a igreja é opressora” e por aí vai… aquela coisa bem radical. Então, a Pastoral Operária passou por isso, o “Mundo do Trabalho”. Gerou em São Paulo e no Brasil uma reflexão. Mas, o “Mundo do Trabalho” não descaracteriza a luta pela classe trabalhadora? Voltemos a negritude aos negros. Quando a gente jogou pra negritude, alguém jogou, o grupo jogou, no Brasil se refletiu, Toninho passou muito por isso. União da Consciência Negra, né. Em nome de quê do nosso lado, é a fé ou somo um no meio dos outros como os outros? Né. Aqui não se refletia isso nos anos de 87 e 88. Aqui, essa memória funcionando aqui, a questão fundamental era, saindo da ditadura, dizer a nós mesmos negras e negros, em conjunto com outros organismos e instituições, “Ser negro é bom e é belo!”, repito, “Ser negro é bom e é belo!”. Abrindo o leque, tinha um lema meio assim, lá distribuímos os *bottons*, “negro é lindo” e tal. Isso, mesclado com uma consciência de que, né, precisamos nos organizar, palavras da época, precisamos nos organizar e reivindicar, participar e também, decidir. Então, pra um lado ser negro é lindo. Autoestima! Metade dos anos 80 pra 90, autoestima, ser negro, ser negro é lindo! Não é só, não nascemos somente pra carregar cana, trabalhar nas minas, na colheita do café, tirar leite, ou ser empregada doméstica, ou chofer de carro de madame na Zona Sul do Rio de Janeiro, Ipanema, Leblon, Copacabana. As novelas dos anos 70, 80 no Brasil, essas mulheres moravam aqui na Baixada, procura estatisticamente onde moravam as mulheres, tem dados estatísticos né, IBGE ((Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)) se quiser, oficiais e extraoficiais, essas empregadas e chofer moravam aqui, se deslocavam do grande Rio uma parcela grande aqui da Baixada, arisco colocar pra você, a maioria. As novelas traduziam que nós somos inferiores mesmo, né. Não é bonito, cheira mal, cabelo feio, o odor do negro diferente e da negra, os beiços grandes, o pé grande, não é bonito, não é bonita ser negro. Bonito é ser branco, a “ideologia do embranquecimento” que chega ao Brasil no início do século XX, década de 20 e 30, espalhou-se para o Brasil com muita força a “ideologia do embranquecimento”, justamente com a chegada dos imigrantes, em grande massa, italianos no final do século XIX lá em São Paulo, metade principalmente em São Paulo, né. Certo? Uma “ideologia do embranquecimento” que passava pela igreja, passava pelos movimentos associações de piedade. A igreja é também racista, é obvio, nitidamente nos seus quadros, século XIX, século XX. Demorou a… ainda não é né, mas demorou a… o não é que eu digo é nítidas situações onde esse racismo se mostra, mas… a “ideologia do embranquecimento” pegou muito via mídia no Brasil. Mostrando através da mídia que o lugar do negro é esse mesmo e que fique quietinho no seu canto. Então, todo esse embaralhamento das pastorais com caráter de reivindicação e a da negritude, os Agentes de Pastoral Negros, a primeira palavra, resumindo pra você guardar no seu relato é, “Ser negro é lindo!”, autoestima, “Não sou feio! Não sou inferior!”. Segundo, superar a ideologia do embranquecimento. Muito negro com cabeça de branco tinha. Então, nas nossas reuniões tinham muito assim a palavra, isso eu vi aqui em Nova   
Iguaçu, éh::::: como despertar sua consciência negra para todos, dizia isso pra todos. E os brancos que faziam parte, nós chamávamos de solidários. Depois foi caminhando a expedição, foi caminhando pra um outro patamar, um outro momento em que se refletiu a pigmentação de pele não é o que faz a negritude. O que faz a negritude é a consciência e a solidariedade. Nós tínhamos os nossos grupos alemãs, aqui na nossa região tinha alemãs, italianos, luteranos brancos de tradição alemã em São Paulo eu vi bastante também, presentes nas nossa reuniões. Num primeiro momento, isso foi questionado, “mas eles não são…”, aí tivemos que desenvolver possivelmente o sentido conceito de negritude. Mas afinal, tem que ser preto na pigmentação ou alguém estando no nosso meio solidário da causa, é também negro? Então, os brancos diziam numa reunião, “Eu sou negro também, eu sou negra também!”, se ouvia bastante, falei muito.

T: É, eu lembro uma frase muito polêmica do Leonardo Boff, “Você pode ser negro por opção política.”. Não sei se concordo com isso.

A: (Ele interrompe o entrevistador, mas é inadível o que diz 36:00 min.). ((Risos)).

T: Porque você pode ser solidário, mas você não pode se colocar como negro, como se fosse um vestido que você coloque e tire.

A: Isso.

T: É minha opinião pessoal.

A: Isso. Eu encontrei negros, a turma do padre Jaque, que você conhece, foi meu aluno na época dele há uns quinze anos atrás. Foi meu aluno, como lhe falei, dos períodos de História da Igreja Antiga e Medieval, História Moderna, Contemporânea, América Latina fez comigo, Brasil… Eu encontrei negros, eu dei aula no TESC, lá no TESC foram 20 anos?… Eu tinha 19 anos. Lá no TESP como diz o (não compreendi 36:45 min.) Boff, “Um punho de congregações”. A instituição no Brasil que mais… na História do Brasil, isso eu posso dizer pra você com convicção e certeza quase absoluta, a instituição mais aberta no Brasil na década de 70 e 80, era o TESP, Instituto Teológico de São Paulo. Guarda essa informação que é importante. Lá se você for na biblioteca, a linha foi se fechando depois, hoje é fechado, hoje é moderado, vamos dizer assim. Mas por ali passou o (não compreendi 37:18 min.), Adênio Vale foi professor ali, o próprio Toninho Aparecido, alguns são bispos hoje, por ali passaram missionários do mundo inteiro. Porque o TESP teve o privilégio de ser internacional, né. Então, ali tinha indianos, ali temos africanos, europeus, norte-americanos, éh:: você tinha… asiáticos, que eram lá do outro lado do mundo, caribenhos, porque as congregações traziam, tinha que eu contei no nosso diretório, tinha uma época que haviam 40 congregações lá mais ou menos, imagina? As salas de aula eram divididas, eram 90 alunos e aí, nós dávamos aulas pro primeiro ano, 90 alunos, dividiam em dois tempos, pra não ficar uma sala pedagogicamente… pra caber todo mundo e a aula render. Você tinha numa sala daquela, às vezes, negros… a maioria era devido as congregações.

T: Uhum.

A: E um dia, eu me lembro disso eu percebia sempre, eles me procuravam, sempre me procuravam, logo no cafezinho, no intervalo de 10 horas eles iam pro meu lado como professor, sempre me procuravam. Na hora de sair pra ir embora, meio dia, eles iam pro meu lado, nos dias que eu dava aula lá, duas, três vezes por semana… duas vezes. E um dia eu perguntei pra eles, “Por que quê vocês me procuram tanto?”, perguntei para um Consolato lá da turma do… do… do… Jaque, “Por que você me procuram?”. E ele me respondeu assim… Consolata? Era Consolata sim… ou Espiritano? Não… minha memória não:::… e ele respondeu assim, ele colocou a mão na pele e disse, “O senhor é dos nossos. Nós sentimos maior aproximação via África que o senhor é dos nossos.”. O que quê ele quis dizer com isso, nas minhas aulas eu exalava África, claro Brasil afrodescendente, que lhes alimentava. Então, eles me procuravam porque se sentiam representados por mim, um negro como eles, mesmo sem ter nascido na África, o que eu nunca ouvi de um branco. Eles se aproximavam… o Jaque, o Jaque se aproxima da minha pessoa em toda reunião, né, podia não se aproximar, mas ele faz questão de me cumprimentar. Não vejo que seja um professor não, é uma herança, é a memória individual, coletiva, consciente, inconsciente, da pigmentação, éh… éh… éh… ele se aproxima, como eu me aproximo. Como eu, estando no Brasil, me sinto muito ligado a grupos, principalmente ancestrais mais velhos, para ouvi- -los e isso é África, a ancestralidade. Eu me sinto muito tocado. Estou falando isso, porque você disse da fala do Leonardo, né. Negro é negro, consciência é consciência. Então, esse negócio de que não pode ser… têm as configurações, por isso que eu te falei, conceito de negritude, onde se quer chegar? Consciência negra? União e Consciência Negra? Agentes de Pastorais Negros, na época, e negras? A liturgia? Como a liturgia causou a época dificuldades e até hoje causa? Como a liturgia, por muitos, inclusive nessa diocese, nós tivemos agora pelo que eu saiba na União e Consciência Negra agora, 20 de novembro, agora, Zumbi dos Palmares (…)

T: Sim.

A: Nós tivemos umas cinco missas por aqui na diocese.

T: É impressionante, eu lá na do Jorge Paim.

A: Tivemos umas cinco missas por aqui na diocese, eu acho. Parece. Lá em Miguel Couto, onde você esteve, não trabalhamos esse ano, porque eu cheguei lá esse ano, né (…)

T: Sim.

A: E não se pode criar um ritual só por se criar. Eu sou crítico disso. Tem que se trabalhar primeiro as práticas, o encontro né, certo?

T: Sim.

A: Esse despertar nas pessoas nunca teve lá. Então, eu não ia impor uma cerimônia dessas só para mostrar na rede social que… Aqui me parece, com exceção do Jorge, onde você esteve, talvez Lote Quinze, lá onde tá o padre Bruno, que os jovens alguém traduz, mas as demais, em outras paróquias, vindas do sacerdote que puxa que está a frente, um branco, é fachada, é festa, é teatro. Se você procurar as outras missas eles só vestem aqueles… usam aquelas vestes litúrgicas nesse momento de 20 de novembro todos os anos. Tornou-se algo tradicional que a comunidade aparece mais descompromissada pra causa, algumas pessoas são compromissadas. Então, você vê uma igreja cheia… Teve uma que eu estive um pouco, igreja cheia, quase um teatro, isso me preocupa bastante, quando não tem a resistência pra ter esse tipo de missa. Mas também, fazê-la o sacerdote, ou o ministro, ou ministra, usando vestes próprias como teatro, me angustia muito. Sem a consciência daquilo que está se… consciência que eu digo, do dia e da abrangência do dia, que consciência de negritude sugere.

T: Uhum.

A: Não vejo as pessoas, às vezes, como você coloca uma eucaristia misturada com uma banana, aproximado de uma farinha, de uma mandioca, uma pipoca, que eu presidi muito assim, como seminarista eu presidi muito assim lá em Goiânia, muito… em São Paulo também, onde eu vivi tantos anos, 25 aos em São Paulo. Eu presidi bastantes cerimônias assim. Saí daqui pra presidir em outros estados, de São Paulo, perdão. Me preocupa bastante, a pipoca, a batata-doce, a cachaça, aproximado do vinho e do pão, para um grupo que intimamente não está inteirado da religião originária da África, dos Orixás ou, se preferirem, da *inculturação*, do sincretismo… me preocupa bastante de só externar isso como ritual e protesto no dia 20.

T: Também tem… também tem essas que fazem menos teatro, mas ficam mais nas próprias canções, nas próprias homilias. Eu lembro, eu fui 25 de novembro que era uma missa em Imbariê, lá em Duque de Caxias (…)

A: Diocese de Caxias, eu morei perto, é.

T: E um franciscano branco, mas ele não vestiu nada especial, só o hábito franciscano normal. É e (…)

A: Você gostou?

T: Ele celebrou… eu gostei no sentido de que ele foi claro no que ele estava celebrando. Porque estávamos fazendo essa missa. Porque veio a pastoral que já pedia há muito tempo e havia bastante recepção nas redes sociais.

A: Sobre?

T: Sobre a missa.

A: Sobre a missa né. Continua hoje, no Brasil como um todo.

T: Sim, e chamando eles de herege e tudo (…)

A: ((Risos)).

T: E tudo isso. E antes de começar a missa, ele… ele bateu realmente dizendo, “Bom, estamos fazendo alguma coisa certa se tem tanta preocupação por uma missa *inculturada*”. Mas não teve todo esse teatro não.

A: É, aqui tem bastante e justamente aqueles que puxam, eu acho que os sacerdotes, alguns que puxam, é aquilo que eu te falei, não tem consciência, não militam numa igreja dos pobres. Usam o dia porque é tradicional na paróquia onde estão, com exceção do Jorge que você foi, padre Jorge, lá no Lote Quinze. As ouras, na minha interpretação, estão conhecendo o clero, e quem preside com isso o clero, três anos no clero, não é o presidente, não é o clérigo, não é militante dessa causa, no sentido de, tenhamos negros e negras alimentando a sua esperança. Nós temos dívidas sociais, raciais, sócio-raciais. Não é isso não! Eles gostavam é de liturgia, não querem deixar nesse dia que com seus próprios pés negros e negras do seu jeito. Então, eles ponderam um misto de missa que não é missa com um teatro que não se completa, porque não se entende o que está acontecendo. Eles controlam, colocar as vestes um branco sem causa, é a forma de controlar. Então, aqui… não vai… é melhor que estejam olhando pra dizer que tem, pra não deixar fazer sozinho, ou convidar alguém de fora que faça com muita liberdade, do que deixar solto. Alguns até de tendência Carismática fizeram a missa afro. Um deles é (não tenho certeza se ele chega a dizer, mas se diz, ficou inaudível 47:04 min.). Como é que um sujeito Carismático, que não tem nenhuma afinidade com essa causa, coloca as roupas, coloca tudo? Não bate! Tá me compreendendo? Tá compreendendo o raciocínio? Eu to entrando na liturgia porque (…)

T: Eu estou pensando nos Carismáticos que poderiam ter feito a missa afro, me vem alguns nomes (…)

A: É:::… Estou te falando isso, porque a liturgia é um::… os tempos litúrgicos de hoje, né, das aparências, da emoção. E o Davi, que eu conheci. Conheci o frei Davi, assim, eu já conhecia, mas eu encontrei ele várias vezes em São Paulo, quando eu passei aqui eu já conhecia. Eu conheci o Davi em 87, na época da… da…

T: [Sim].

A: Por aqui. Andava muito aqui no seminário e tale era padre da divisa ali em São João de Meriti.

T: Sim.

A: E depois vi o Davi estudando liturgia em oitenta e::::… eu fui pra São Paulo, de 90, encontrei muito o Davi lá fazendo especialização em liturgia. Não sei se terminou. O Davi não tinha movido gente pra isso, o Davi não gosta de reflexão. O Davi é prático. Acho que é bom você saber disso. O Davi é muito prático, por isso ele entrou com cota, cota pra negros, negritude. Prático!

T: Sim.

A: Né.

T: Ajuda financeira.

A: Ajuda financeira, montar oficinas… prático. O Toninho Aparecido é uma outra proposta. Toninho é um teólogo formado em Moral, Teologia Moral, por Eunita que foi pra Europa, se formou. Um professor (…)

T: Sim.

A: Bantu, de tradição Bantu. O Davi já traz algum… também aqui, mas o Toninho é um negro Bantu. O jeito dele me lembra nitidamente a tradição Bantu, interior de São Paulo, Bantu mesmo, né. No interior de São Paulo, Bantu mesmo, né. É… é… é… contrapondo-se ao Davi, eu não posso dizer. São duas formas de apresentar a causa e a questão da negritude, que deveriam se aproximar, que deveriam se… andar juntos, andavam, mas me parece que o Toninho queria o Davi do lado dele e o Davi queria o Toninho do lado e preferiram não.

T: Ãh:::…

A: Eu convivi com os dois, né e me parece que (…)

T: São personalidades bem decididas.

A: Isso. Então, Toninho admirava o Davi, mas bem longe, do Davi aqui, e o Davi aqui admirava o Toninho em São Paulo, bem feliz o Toninho lá no trabalho dele.

T: Vamos falar do Toninho quando ele era Presidente da Assunção e como foi esse processo de nomear ele, porque você notou que teve bastante polêmica e quando antes decidiu nomear o Toninho como chefe do Seminário de Assunção?

A: Bem, eu não peguei essa… quando eu cheguei ele já tinha sido… já havia sido o mandato dele, né. Lá o mandato me parece que era de três anos, se não me falhe a memória.

T: Sim.

A: E era uma lista tríplice. Dom Paulo Evaristo escolhia a partir de três.

T: Uhum.

A: Eu me lembro que eu passei nas outras eleições, eu cheguei justamente quando o Toninho tinha saído e entrou um padre (não compreendi 50:31 min.).

T: Sim. Mas pegou a história do conflito?

A: Peguei sem muitos detalhes. Eu peguei o que foi contado depois no sentido da atuação de um negro ligado a Teologia da Libertação como diretor de uma instituição com afiliação direta ao Vaticano.

T: Ãh:::::…

A: O Toninho está naquele… o Toninho faz parte, isso é importante pras suas pesquisas, padre Toninho faz parte… está no contexto, do Sino dos Bispos em Roma, em 85. Padre Toninho faz parte do contexto no mandato dele do Sino dos Bispos que houve em Roma, em 85. Depois você pega a revista CDOC em Petrópolis, que está tudo documentado e na REB também, Sino dos Bispos em 85, que foi o Sino justamente para se fazer um balanço dos 20 anos do Vaticano II. Poucas pessoas estudam isso, mas a meu ver, ali está, no Sino de 85, que seria um balanço convocado pelo Papa João Paulo II dos 20 anos do Vaticano II que terminou em dezembro de 65.

T: Sim.

A: Ali seria um balanço em Roma. No Brasil foram vários enviados. Toninho era diretor daquele contexto ali, certo? (…)

T: E ele não era bispo, mas existiu alguma coisa dessa consulta?

A: Não entendi a pergunta.

T: Ele não era bispo, mas foi para Roma pra ver?

A: Não… não… não… não creio… não creio… na época eu não tava com o Toninho… a informação eu não tenho pra te dar, você pode buscar.

T: Ãham…

A: Eu sei que… a grande questão, isso eu posso adiantar, o Sino dos Bispos questionou, isso em 85.

T: Sim.

A: Toda a forma de atuação, o Toninho entrava nisso, da ideia de uma liturgia *inculturada*. Um dos problemas que apareceu no Sino foi, “que história é essa, na América Latina principalmente, de liturgia *inculturada*? Missa dos Quilombos?”. Daqui a pouco aparecerá a missa dos quilombos, já tá nesse contexto.

T: Apareceu lá em 80.

A: Isso.

T: Foi… foi… foi coordenado por (não entendi o nome 52:57 min.).

A: Sim, sim… da liturgia?

T: Sim.

A: Enfim, eu to dizendo, aparece como assim… a partir do Sino do, ela é *tesourada*, essa missa tem diocese que tira. Até hoje tem resquícios disso. Quando você fala do padre Di Maria, o franciscano, que vai rezar… tinha uma coragem. Eu, já aconteceu lá em Miguel Couto comigo nesse ano de 2019, mas faremos, lá é uma igreja (…)

T: A missa dos quilombos mesmo?

A: Faremos lá, faremos lá. Tem um projeto com (não entendi 53:28 min.). Tá na ideia ainda. Teremos uma assembleia depois de amanhã vai ser tocado isso. Gerará para nós o quê? Gerará um, por parte de muitas pessoas gerará, hoje com as redes sociais, né…

T: Vamos ver se Gílson liberta.

A: Eim?

T: Vamos ver se Gílson liberta. ((Risos)).

A: Então, no Sino do… o elemento da liturgia foi forte, da formação dos seminaristas, que pós Vaticano II, liturgia *inculturada*, formação de seminaristas, as casas inseridas. Eu morei em casas inseridas em Goiânia, eu morei sozinho numa casa na periferia de Goiânia num assentamento de moradas populares, sozinho. Depois veio um ex-franciscano morar comigo. Morei numa casa sozinho, a responsabilidade era minha, tava sozinho, não morava em seminário. Olha a abertura e o risco! Então, no Sino do… já estava reverberando isso, que história é de freiras não morarem no seminário mais, morar em favelas três, quatro freiras, duas. E o seminário? E o convento? Então, apareceu formação, apareceu liturgia, apareceu curso de teologia, apareceu o Seminário Paulo VI. Tanto é que logo depois visitam os seminários do Brasil. Aqui foi chamado atenção, o Serene II e um no Recife, fechados.

T: Íter (tenho dúvida quanto a escrita 54:56 min.).

A: O Íter no Recife, Serene I e Serene II, em Fortaleza. O Íter no Recife. Chamava atenção o ITESP em São Paulo, a PUC do Rio, a presença de leigo e leigas. Percebe? Você vai abrindo. Belo Horizonte, os jesuítas.

T: FAGE… FAGE (não tenho certeza quanto a sigla 55:10 min.)… ainda é potência.

A: É. Aí, você vai abrindo a questão… a função que vai chamar atenção na época do Toninho. Quando você fala do Toninho então? Muito mais pela atuação, mas que no fundo, muito mais pela atuação… mas que no fundo::: é um negro::, eu faço a observação, eu tenho uma postura, sempre tive e devo morrer com ela, de que eu não creio que você trabalhe ideias sem preconceito racial. O preconceito racial antecede as ideias. Não sei se me faço (…)

T: Sim.

A: (…) Se é forte minha fala? É gerado no Brasil um preconceito racial muito para além de Gilberto Freire e etc… etc… é gerado no Brasil um preconceito, né, inconsciente e consciente que vem de séculos, que se engendrou dentro das pessoas e ele antecede as ideias. Não é o Toninho teólogo, é o Toninho preto. Não é a teóloga negra, é a preta! Depois vem a teóloga negra. É o cheiro da preta, o cheiro do preto, é o nariz do preto, é o pé do preto, é o cabelo do preto, não é a ideia do preto e da preta, isso vem depois na minha compreensão. No Brasil, pra mim, isso é nítido. Ser negro no Brasil não tem beleza, na ótica da cultura branca, americana, anglo-saxã, italiana que nós temos. Você vai em Sãop Paulo, onde eu vivi. Morei no ABC em Santo André, morei em Santo André, São Bernado, São Caetano… reduto de italianos São Bernardo dos Campos. A Volkswagem, de onde nasceu a CUT.

T: Sim.

A: Onde se fez o PT. É reduto de italianos. O Centro de São Bernado. Os bairros mais ricos de São Bernado dominados por italianos e por alemãs pela Volkswagem, certo? Nitidamente racistas São Bernado dos Campos, cheio de nordestinos que vieram nos anos 50, 60… cheio de nordestinos e mineiros migrantes pra trabalhar nas montadoras de carros. Ali, você tem no ABC Ford, você tem no ABC Volkswagem, certo? Você tem no ABC outras montadoras… em metalurgia, cheio de nordestinos e mineiros, também conduzidos brancos… também conduzidos ao racismo. Eu vivi lá 10 anos. Eu morei em São Paulo Capital, na grande São Paulo, é nítido isso, na minha experiência prática que eu mesclo com minha teoria das aulas de filosofia e também de antropologia cultural. Então, o Toninho, não é o Toninho da Teologia da Libertação só.

T: Sim.

A: Então, guarde isso. Na minha compreensão, em minha entrevista pra ti, o racismo antecede as ideias. Ele é nitidamente vinculado as aparências estética e biótipo físico. Não… né? E evidentemente, eu vou colocar mais um, o lado moral, né. Negro ladrão, isso Dom Adriano viu aqui na Baixada, aonde tem preto o carro para da polícia e pega mais facilmente. Negro é ladrão, bebe cachaça, interessante esse lado, né? Negro é foguento, fogoso, pode namorar… negro e negra, gosta de namorar mais do que o branco, logo a ideia que se expandiu, né. O samba pega o samba, a redução da mulher negra no Rio de Janeiro, a mulata exportação, percebe? Há o preconceito e a exportação de uma criatura que se compra e que se vende com facilidade. “Não presta! Cuidado com o negro, com a negra não presta, não é seguro, não tem moral.”. E assim vai…

T: Hum…

A: Toninho. Porque o Toninho tem capacidade, mas antecede e tinha capacidade, só que o Toninho traz consigo o direto, o “gingado do negro” de resolve as coisas “na conversa”, tinha que ser “mais duro”, um diretor europeu, italiano, alemão, americano. Um diretor americano seria, “resolve a coisa, não tem muita conversa não”. Toninho tinha a sensibilidade pra dor do negro e da negra, favorecia o negro e a negra. Eu me lembro do carinho que ele tinha comigo. Ele tinha um carinho extraordinário comigo, por ser um dos poucos professores negros, ele se aproximava pra conversar comigo e me perguntava. E foi meu professor quando eu cheguei em São Paulo, fi meu professor de Moral Fundamental, Moral Fundamental eu fiz com ele. Lemos Marcos Bar e lendo Marciano Vidal e Bela Hering (não tenho certeza quanto a escrita do nome 1:00:00 h.), os três ali mesmo…

T: Teve uma relação do nordestino com essa questão racial, porque, às vezes, como você notou, o presidente… o ex-presidente Lula chegou do Nordeste pra São Bernado. E as pessoas, às vezes, *racializam* até o próprio nordestino, como não sabe votar, e tudo… mas por outro lado, às vezes, Lula foi criticado pela própria diretoria Nacional Negra dentro do próprio PT, que lidava com a questão racial por, às vezes, não ser tão sensível ao racismo como se foi no início, o racismo como questão própria fora da classe. Como você… como você avalia o legado do Lula enquanto a questão racial? Tanto como é visto, quanto como ele tratou… o racismo?

A: O Lula tem momentos né. O Lula é o nordestino, pernambucano, não é isso? Que vai pra São Paulo como retirante, vai de caminhão *pau-de-arara*, se estabelece e torna-se líder sindical. Eu coloco o Lula no patamar de qualquer líder sindical, ou qualquer retirante ou migrante a ter chegado a São Paulo nos anos 60. Certo?

T: Uhum…

A: Eu não coloco diferentemente não. A cobrança que se faz a ele posterior, ela tem sentido, naquele contexto que conheço de Lula nos anos 60 pra 70, o foco da preocupação era a questão econômica. O foco da preocupação era a questão econômica quando nasce o PT, em 79 e a CUT em 80, né, naquele contexto ali. Éh:::… filho de uma cultura patriarcal machista… filho de uma cultura patriarcal machista da própria história do sindicalismo brasileiro. O próprio sindicalismo, a própria fábrica é um ambiente masculino, de homens, da sensibilidade masculina ou insensibilidade, onde me parece, esse dado, no momento em que Lula é líder sindical, a preocupação era a reivindicação para que o operário e a operária tivesse um local de trabalho, certo? Os seus direitos reconhecidos, os seus direitos efetivados, né, e a sua causa sendo vencida. Posteriormente, o Lula foi homem do partido, o Lula faz parte de uma corrente dentro do partido. A corrente de Lula dentro do partido éh::::::… até pegar o segundo, terceiro, quarto, quinto momento é uma corrente que não prismou a sua ação para preocupar-se, a meu ver, num primeiro momento, com a questão lá de trás que você falou. Quem vai *cutucando* o Lula para… para, é preciso incluir a causa indígena, a causa negra, a causa das mulheres, são pessoas que vão chegando e tirando dele aquele marxismo prático, vamos chamar assim, né.

T: Sei.

A: Aquele marxismo prático, tipo, alá Paul Singer, você não vê Paul Singer falando de negritude, éh::: você não vê Florestam Fernandes também tocando de um modo assim… toca na classe operária, gente que está próximo dele, Florestam Fernandes, certo?

T: Sim.

A: Paul Singer. Alguns intelectuais aqui do Rio, os próprios intelectuais que o circundam a grande questão era o elemento econômico e social de modo amplo. A cabeça do Lula é isso. Então, você acelerava a cabeça de um líder sindical machista patriarcal, percebeu? Até as frases dele, às vezes, são muito soltas assim… sem maldade, sem maldade que eu digo assim, eu penso que o despertar dele foi e a igreja ajudou muito nisso, vem aos APN’s contigo agora, não só APN’s, to falando de igrejas, que a sua pergunta foi de igrejas na sua entrevista, né, com algo dentro. Os encontros das Comunidades de Base, a presença dele lá, amigo pessoal desse bispo que veio na minha ordenação, Dom Angélico. Dom Angélico é da causa negra, mesmo sendo um branco. Ele sempre instigou em mim, em São Paulo, o trabalho com a negritude. Por ele receber um título de Cidadão Paulistano, em São Paulo, Dom Angélico, em 1900 e::::… início de 91. Eu estava lá trás, na Câmara Municipal de São Paulo, eu e mais algumas pessoas no seminário, tava me ordenando ainda há pouco, assim que ele recebeu a placa, uma placa bonita e me chamou lá na frente pra partilhar com ele, eu e um rapaz negro que estava do meu lado. Que eram dois negros, pra partilhar, mostrar a placa e ele fez um discurso mesclando trabalhadores e mesclando negros, classe trabalhadora negra e humilhada de São Paulo e do Brasil. Então, a gente, por exemplo, batizou neta do Lula, batizou o filho do Lula, to dando um exemplo. Alguém que pode, posteriormente, isso eu nunca perguntei a ele, posso perguntar, á que você está fazendo a pergunta, né. Por que foi protelado em Lula, demorou em Lula, né, essa… ou esse vigor pra valorizar essa luta vindo dele? A crítica é essa, vindo dele.

T: Sim.

A: Ele. Ele tem falar, ele delegou pessoas pra isso. Tanto é que muito bem representado. Gilberto Gil foi Ministro da Cultura, com todos os limites que o Ministro da Cultura tem, que o ministério tem.

T: Até Haddad fez um trabalho notável.

A: Isso. Aqui no Rio tem uma senadora, deputada, vereadora, de tantos mandatos, uma pessoa séria que eu acompanhava de São Paulo, né. Milton Santos, geógrafo lá de São Paulo, da Universidade de São Paulo, um grande, foi prêmio internacional na Sorborne em Paris. Você conhece o Milton Santos? Claro vale a pena depois colocá-lo aí, gente aproximada do Lula, do grupo todo lá. Quer dizer, o nosso contexto pra falar disso, ele é micro, né. E a cabeça do Lula é de um líder sindical, posso te responder assim, falei demais pra… o próprio sindicalismo caminhou pra compartimentar e depois abraçar e nos tornar um grupo de rede, de reivindicações, o metalúrgico é isolado, a luta metalúrgica é isolada. Depois da luta metalúrgica, as causas de negritude se aproximaram da metalúrgica, as questões de gênero se aproximaram da metalúrgica. Porque a questão de gênero achava o próprio metalúrgico machista, “então, não me aproximo do metalúrgico”. A questão racial nós fomos somando forças, né, hoje é… hoje tem mais redes. Então, com as redes sociais têm mais redes, o próprio diálogo inter-religioso… num primeiro momento, os APN’s, o nosso alcance éramos nós e leigos, na época os leigos, os religiosos daqui a pouco nasce uma organização dos religiosos que queriam estar no meio dos leigos, porque os próprios leigos diziam ali “O religioso não! (…)”, “(…) o religioso (…)”, muitos falavam, “(…) foram os que nos oprimiram. O padre não! Pra que padres nos Agentes de Pastorais Negros?”. Era nitidamente de leigos. Tínhamos padres, eu na época como seminarista, depois como diácono, tínhamos padres e freiras solidários, mas a maioria, eram leigos e leigas nos APN’s, nos encontros. Por isso que nasceu a necessidade do GRENI. Conheceu o GRENI, né?

T: GRENI sim.

A: Grupo de Religiosos Negros e Inculturados, GRENI… GRENI. Freiras fazem parte, muitas religiosas e negros, esse menino fez parte. Qual é o nome dele? Jaque.

T: Jaque.

A: Jaque esteve no GRENI. Pergunte a ele o quê que é? Serviu pra religiosos negros e negras. Os próprios religiosos fazem o movimento, mas era nitidamente a face lá e cá e os próprios leigos diziam, “Padre é bom pra rezar, mas tomemos cuidado, foram aqueles que na história nos humilharam. Foram aqueles que na história nos fizeram sofrer.”. O ranço do passado é muito forte justamente, porque desenvolvemos as nossas formações, as nossas formações eram muito fortes em torno de história. Tem muita informação no Brasil, na linha de História Colonial, o pessoal tem uma carência muito grande de onde vieram, da África, os grupos, né, África Setentrional, Meridional, aquela coisa toda. Os grupos, quem são, onde chegaram? Nos anos 80 era muito comum isso. Quando eu vivi aqui, depois lá no Centro-Oeste eu fiz e aqui no Sudeste, quando eu retornei, muita formação na linha de História e Antropologia, pra entender expressões. Sinto falta da língua iorubana. Não consigo ver uma consciência de negritude sem a questão linguística do Iorubá e não se mexe muito. Então, você vai numa Missa Afro e ela é judaica, né, com elementos greco-romanos, inculturado um pouco de frutas, né, com bebidas, só isso. A língua o pessoal não sabe, nem mesmo líderes negros, às vezes, padres, sacerdotes, bispos, freiras que estão à frente, um leigo, uma leiga, que precisava *morder*, porque aí nós damos um salto, até mesmo, acoplando e recebendo o pessoal do Candomblé, da Umbanda, com muito mais jeitinho. Tivemos agora a missa de Santa Bárbara que eu te falei, lá em Miguel Couto. A missa de Santa Bárbara, a missa de ontem, tivemos na igreja de Santa Bárbara lá.

T: Ah, sim

A: Santa Bárbara no sincretismo é Iansã. Não é isso?

T: Sim.

A: Já disse alguma coisa sobre isso. Tem um filme no Brasil que você tem que saber pra conhecer Iansã. Chama-se o filme, “O pagador de promessas”.

T: Ãh.

A: Década de 50 pra 60. Com um ator chamado, Anselmo Duarte. Lá tem Santa Bárbara e Iansã do Candomblé, faz uma aproximação. Por exemplo, nessa missa nossa, no dia de Santa Bárbara, tinha lá uma moça da Umbanda presente com a roupa um poco caracterizando umbandista, que conhece expressões, que participou conosco e ajudou imensamente, né. Eu conheço expressões, então, a gente consegue lidar com a pessoa. Quando não conhece, a gente não conseguia ver o valor nessa moça ou dessa moça. Tá bom?

T: Sim. E uma coisa mais só, a mais.

A: Uhum.

T: Que é recente e você falou um pouco. Quero terminar com a sua ordenação. Você tem 27 anos de diácono?

A: 26.

T: 26 anos?

A: Sim, sim. É, contando esse ano.

T: Sim, de diácono. Você começou… decidiu, por fim, depois de várias questões, ser ordenado para poder melhor enfrentar o que você vê como, se não, o perigo do *neopentecostalismo* em si, pelo menos a Teologia da Prosperidade (…)

A: Teologia da Prosperidade.

T: (…) Por que você costuma falar… você costuma falar (…)

A: [Eu?]

T: (…) que a igreja e o PT, também, nas periferias foram trocados pela Igreja Universal do Reino de Deus? Se é verdade ou não você pode comentar, mas também, na medida em que é certo, quais desafios temos para/ com o *neopentecostalismo,* especialmente desse lado da Igreja Universal que é o mais predominante nas periferias? E como resolver isso?

A: Tá. Éh:::… eu nem queria… começo pelo final, pode?

T: Sim.

A: Eu não diria que a igreja Universal seja predominante nas periferias, nem chega muito nas periferias dos grandes centros. É muito até central, presta atenção! Chega sim, a Teologia da Prosperidade com pequenas igrejas na linha da igreja Universal.

T: Ah…

A: Então, chega as periferias das grandes cidades não a Universal. Primeiro que eles gostam de templos grandes, na periferia não tem como fazer templo grande, tem muito terrenho irregular, né. Eles acham… eles compram supermercados, eles compram teatros. Quando eles começaram… a Universal começou no Brasil em 77… sete sete.

T: Sim.

A: Aqui no Rio de Janeiro no bairro da Abolição, aqui na Zona Norte do Rio, perto de Madureira aqui… pá pá pá… começou aqui. Por que começou aqui? O Rio de Janeiro decadente, o Rio de Janeiro tinha perdido, né, nos anos 60 pra 70… 60, toda essa década de 60 pra 70, perdido a Capital pra Brasília, a Capital do país era aqui.

T: Sim.

A: Então, se dava que aqui tinha exército, aqui tinha uma estrutura, tinha indústria, tinha o exemplo da CSN Volta Redonda, tinha a do petróleo, mas São Paulo já era o fugo das indústrias e fábricas. Então, o Rio de Janeiro perdeu a Capital. No Rio de Janeiro houve um apoio maciço na Ditadura Militar que foi nítido. Enquanto Dom Paulo Evaristo era resistência em São Paulo, aqui no Rio Dom Eugênio e quem estava ao redor dele era muito mais complacente com a Ditadura. Como o cardeal atual também o é, Dom Orani Tempesta, ao cumprimentar Bolsonaro e esse povo aí, abraçar esse pessoal. Eles do Rio eram assim, muito paradoxal, Rio Capital. Ela é paradoxal, contraditória.

T: Sim.

A: Têm aquelas favelas todas, você tem uma Zona Sul chique, um glamour que é você estar no Leblon, que é você estar na São Conrado, né, ao mesmo tempo que o morro está ali na tua frente um mar bonito do outro lado. O Rio de Janeiro, ele é paradoxal, extremamente contraditório.

T: Sim.

A: São Paulo é mais uniforme. São Paulo é uma megalópole que tem misturado tudo né, e *vam’bora*.

T: Sei.

A: Tá… aqui não. Aqui as pessoas se fecham e assim vai. Então, essa igreja Universal que nasce em 77, ela nasce, a meu ver, respondendo a um Rio decadente que perdeu a Capital, sem grandes indústrias e crescendo populacionalmente. Uma cidade que está entre o mar, a montanha e a baixada. Segundo, ela nasce, a igreja Universal, respondendo a um apelo existencial de uma massa sobrante de pobres sem perspectiva de vida, para trabalho, para amor, felicidade, pra saúde, certo? Dinheiro. A mídia, Rede Globo estava nos anos 60, 70 e 80, produzindo novelas que mostravam o glamour, o sucesso, ganhar dinheiro… ganhar dinheiro… as novelas saiam do Rio de Janeiro, não tinha novela em São Paulo, quase nenhuma… nenhuma era, nos anos 70. Todas produzidas na centro que era no Rio. Hoje mudou, o centro da Rede Globo mais forte é em São Paulo na Luís Carlos Berrini que é uma avenida mais cara do Brasil provavelmente hoje, no sentido de indústria.

T: Sim.

A: Tá? No Rio tem o mais caro aqui no Leblon, essa região, no glamour, mas indústria, é São Paulo. Luís Carlos Berrini e Avenida Paulista. Então, essa igreja nasce respondendo existencialmente a um ser humano carioca fluminense sem perspectiva de trabalho, dinheiro, amor, felicidade, perdendo a Capital. E esse senhor, Edir Macedo, vem de uma tradição de igreja pentecostal, ele vem daí e veio também da umbanda, ele passou pelos rituais espíritas de tradição umbandista, umbandista e pentecostal na linha *assembleiana*, da Assembleia de Deus. Não era o grupo dele, era Vida Nova, Nova Vida e tal. Ele sintetiza de forma extraordinária, muito inteligente, até hoje eu acho. Muito… muito… muito… perspicaz, muito maldoso, muito satânico, no sentido da palavra original em hebraico. Ele pega acertos, limites e fragilidades das cinco ou seis religiões que compõem o campo religioso brasileiro da década de 60 e 70. Que eram: catolicismo tradicionalista e o viés libertador, Teologia da Libertação e movimentos populares. Protestantismo histórico e pentecostal no Brasil, o histórico elitista… o histórico elitista, luterano, to falando de um modo geral; (…)

T: Sim. Rubens Alves.

A: (…) Ele mesmo. Filosofia, é. De um modo geral elitista, histórico, luterano, meche com escola, família. Metodista, meche com escola, escola pra rico. Batista, meche com escola, escola pra rico. Claro que têm as ramificações, mas pequenas no meio dos pobres, mas não tinha. Então, o protestantismo histórico elitista; o catolicismo devocional sacramental, esperando o povo na igreja, a igreja católica esperando o povo da igreja. Teologia da Libertação… se organizando em grupinhos pequenos, outro modelo, né, não pega público grande nas CEBES. (…)

T: Sim.

A: (…) Protestantismo histórico elitista. Pentecostalimo no Brasil, Congregação Cristã chegou em 1910, Assembleia em 1911, os dois no mesmo período, pentecostalismo 1910, 1911, Assembleia de Deus e Congregação do Brasil.

T: Sim.

A: De 50 a outra onda. Vou usar a palavra de Paul Freston, na década de 50.

T: Sim.

A: Congrega… éh:::: Evangelho Quadrangular e o Brasil Pra Cristo, outro nome forte. Em 62, Deus é Amor, que o Antônio Gouveia Mendonça, o grande historiador do protestantismo, meu mestre aí do doutorado e do pós-doutorado, falecido já há uns 8 anos… uns 10 anos atrás. Faleceu em 97. O Mendonça dizia que, “Deus é Amor não é pentecostal., é Cura Divina.”. Ele usa uma classificação que eu uso muito também. Ele não chama a igreja Deus é Amor do Davi Miranda de… Davi Miranda, nem de pentecostal nem de neopentecostal, ele chamava na classificação dele de igreja de Cura Divina. Então, 1910, 1911, Congregação Cristã e Assembleia. Década de 50, Evangelho Quadrangular e o Brasil Pra Cristo. 62, Deus é Amor. 74 pra 75, a efervescência dessa Nova Vida, Vida Nova aqui no Rio e interior de São Paulo… São Paulo… em São Paulo. E em 77, igreja Universal do Reino de Deus, primeiro grande nome já… já… já aí o neopentecostalismo. Então, o campo religioso era catolicismo, protestantismo, pentecostalismo com Edir Macedo de grande nome, o neopentecostalismo no campo religioso e quinto, o candomblé, sexto, umbanda. Tá, então, catolicismo, protestantismo…

T: Sim.

A: Ele sintetiza isso… tira elementos, é interessante, é uma sabedoria danada, não tem como anular. Muita gente passou pelo catolicismo, muita gente é de outras… ele conseguiu ver carências e sobras, e produziu o seu sistema de ser religioso na linha da Teologia da Prosperidade Americana que satisfaça em torno de três elementos básicos para os pobres, ilusoriamente para os ricos, as necessidades e os simbolismos das pessoas. Quais são os três? Igreja Universal e o neopentecostalismo se funda em quê? Satisfazer através do pão, da saúde e no amor. Isso é Teologia da Prosperidade no Brasil. Isso se compra e isso se vende. Pão, saúde e amor. Deus dá a quem dá pra Deus, a posse… pra possuir isso eu preciso me dispor dando. Para os pobres no Brasil, empobrecidos, marginalizados, massa sobrante nenhuma das religiões ou práticas eclesiais tocava nesses três elementos, dizendo que, “você pode ter”… “você pode ter”… “você pode ter”… “você não precisa pedir, você pode ter!”, “você não precisa ir na igreja pedir, você pode ter!”. E isso é maciçamente desenvolvido nas camadas populares, nas periferias e ele foi de uma sabedoria tremenda ao construir grandes templos e nos templos, junto com o templo, dentro do templo, mesclar teatro, mercado e relação de compra e venda. A igreja Universal do Reino de Deus é um teatro, um templo e um mercado… um templo, um teatro e um mercado. Utilizando-se, e aí ele saiu na nossa frente, na sua perspicácia, na sua visão diabólica, interessante… ele comprou um canal de televisão, ele foi de uma sabedoria danada. Antes da nossa Rede Vida, ele tinha um canal de televisão e foi entrando com programas, antes de comprar ele foi entrando, alugando, pagando… fazem até hoje. A Rede Bandeirantes no Brasil, Silas Malafaia faz, o R. R. Soares faz…. Antes da Rede Vida, e olha que eles entram nos canais falando de pão, saúde e amor. Quando nós compramos Rede Vida, nós fazíamos gnose. O programa da Rede Vida quando foi criado no Brasil, era programa de entrevista em missa, só gnose, só conhecimento, só reflexão. Eu fui 11 vezes na Rede Vida de televisão no programa Tribuna Independente, em São Paulo. Você vê lá, ia lá debater, me chamavam pra questões e tal. Só reflexão, duas horas de reflexão. Fui na tevê Aparecida quando começou, num programa à noite. Duas horas de entrevista, só gnoses… só gnoses. Não tinha filme. Edir Macedo já começou com novela e com filme, divertimento. Como é que dizem os romanos? “Panes et circenses”, “Pão e circo”, pão e festa. Pra um povo do Rio de Janeiro, periferia de São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e Recife, que não lê, o povo do Brasil não lê. Você vem da cultura da leitura. O povo do Brasil não lê. Aqui na Baixada você não tem um jornal digno deixado pra grande massa da população, o povo daqui não lê. Depois com a Rede Social então que chegou… é imagem! Piorou. |

T: Sim.

A: Então, um sujeito desse ele faz entretenimento, compra pessoas, assedia pessoas, vende o produto, é um charlatão de primeira. Agora (…)

T: Tudo bem. Mas eu quero perguntar uma coisa que Fernando Haddad acabou de falar em Nova York uma semana atrás, cinco dias atrás. Ele disse, “Bom, o neopentecostalismo mão, mão, e *luvula* (…)”

A: Luva.

T: Sim. “(…) luva, como o neoliberalismo.”. E tem algumas pessoas seculares que dizem, “As condições materiais mudaram tanto que não é possível reverter o processo.”. Você obviamente pensa pela sua ordenação, você falou, “Me ordenei para (…)”

A: Falei lá, né?

T: “(…) para combater (…)” um termo bem forte, “(…) a ditadura do neopentecostalismo.”.

A: Falei isso lá no dia da ordenação?

T: Não.

A: Como você?

T: Sim ((risos)). Você acha que é possível? Como são… como apesar dessas condições materiais como (não entendi 01:26:58 h.) a desindustrialização aqui no Rio, como revertemos esse processo com a igreja?

A: Ocupando espaço, a minha tese é da ocupação de espaço, a tese sociológica que eu trago já há uns 10 anos, uns 10 anos a tese aqui comigo, chegando aonde eles não chegaram, e aprendendo deles… também… não somos nós mais os idealizadores de uma única verdade, eles muito nos ensinam no seu jeito. Não tem… têm questões que são inegociáveis, né. O nosso profetismo de anúncio, de denúncia, ele é inegociável. Eles, a meu ver, jamais serão assim, porque o que eles traduzem é posse e satisfação de necessidades e de desejos. Nós precisamos ocupar os espaços para também, perceber que a tese não é equivocada de satisfação e de desejos, a tese não é equivocada. Isso é antropologia cultural, (…)

T: Sim.

A: (…) isso é ser humano.

T: Sim.

A: Né?

T: Sim.

A: É Marx. Tá no Capital… tá no Capital de Marx, o reino das necessidades e o reino da liberdade. Edir Macedo pegou isso para o modelo capitalista neoliberal, nós precisamos pegar isso para o modelo alternativo de governo não capitalista e não liberal. A implementação disso se dará no equilíbrio, ocupando espaço das conquistas do reino das necessidades.

T: Sim.

A: Que não fizemos no sindicalismo da CUT, demoramos a fazer, que não fizemos no PT, demorou a fazer, que não fizemos e que ainda não conseguimos fazer na esquerda dura radical.

T: E nem na igreja, em parte?

A: Nem na igreja, em parte.

T: Mas bastará voltar sem modificação para um modelo dos CEB’s dos anos 70 ou precisamos modificar? E quais modificações?

A: Precisamos modificar a compreensão de presença missionária evangelizadora presente defendida por aqueles que estão, olha só… por aqueles que estão assessorando a frente das Comunidades Eclesiais de Base e os movimentos populares. Nós temos pessoas que, a meu ver, se autoenganando por demais, com cabeça dos anos 70 e 80, e a carruagem andou, o trem andou na estação. São pessoas, a meu ver, extremamente enraizadas numa visão, numa compreensão… numa visão…

T: Sim.

A: Numa compreensão…

T: Sim.

A: Arraigada nos anos 70 e nos anos 80, que não conseguiram ver. Conseguiram não! Não querem ver. Não se despertaram ou não foram despertas pra amplitude, a complexidade que hoje é atividade missionária considerando o horizonte dessa revolução técnico-científica, moral, econômica, existencial, antropológica, biológica, que nós estamos vivendo dos últimos 35 anos pra cá.

T: Qual é a sua visão antiga? E qual é a visão nova?

A: Visão nova é interpretar. A realidade, olha a expressão que eu usei, considerando na realidade de hoje, aquilo que chamamos de sistemas complexos, esse pessoal não tem alcance pra isso, de Comunidades de Base. A visão deles é antiga, mecanicista.

T: Que é? Me diga uma coisa prática? Como… mecanicista, eles fazem o quê? E complexidade (…)

A: Reunião, reunião… muitas reunião, muita reunião… os mesmos líderes, os mesmos líderes… as mesmas pessoas. Aqui na diocese de Nova Iguaçu é assim, praticamente assim. Falei com Dom Luciano, me convidou pra trabalhar, tá insistindo, na Pastoral da Educação.

T: [Uhum].

A: E aí eu disse pra ele, “eu vou sofrer muito, porque quem tá do lado do senhor a visão é muito mecanicista, é muito parada. Reunião… tinha uns grupinhos, grupinhos, grupinhos…”. A minha tese é, ocupar o espaço e menos reunião, onde? Onde as pessoas estão, onde o negro está, onde a negra está. Lá, não aqui. Onde o operário está, não a reunião aqui. A reunião, não vai dar nem dez pessoas na reunião. É lá! É um deslocamento. Há necessidade de uma conversão no sentido de, foi aí que os neopentecostais foram muito bem, eles foram de encontro, de encontro, ao encontro, muito mais eficaz, eficiente do que nós. Venderam o seu produto. Paulo já vendeu o produto em Atenas, na (não entendi 01:32:29 h.), as casas por onde andava. Nós não, nos guardamos num modelo de igreja. O problema é, quem está a frente? CNBB, dioceses? A maioria são pessoas de uma visão pra dentro, endógena e tem que ser pra fora, ocupar espaço, aproximar-se. Parece uma coisa simples, mas não é, porque as pessoas não vão. Parece que é simples de resolver, não! Esse é o primeiro passo. Ocupando espaço nós implantamos gradualmente, a partir da presença dos três elementos que eu falei que os pentecostais acertaram, mas que não é deles, é da igreja primitiva. Pão, saúde e amor. Pastoralmente, o futuro da igreja católica é investir em catequese que toque no pão, comida, dignidade, saúde… Jesus fez milagre o tempo todo, tá na bíblia, tá ali. E amor! Amor é afetividade, estar onde as pessoas estão. Falar, traduzir preocupações com a dignidade, o pão. O quê que eu vou comer hoje? Quê que eu vou beber? Quê que eu vou me alimentar? Saúde. Olha como você abre saúde, eim. Saneamento básico, né, saúde. É fundamental procurar. Uma igreja do diálogo, voltar, retomar proximidade com aqueles que nós condenamos durante tanto tempo como inimigos e que não são movimentos populares. Mesmo que não sejam movimentos, é da nossa linha da nossa CUT, tem que abrir, não tem mais jeito. Essa é a novidade.

T: Então, esse é o produto… esse é o produto… essa é a vendagem da igreja católica, essa ligação com instituições não religiosas? Qual a diferença entre um produto nosso e o produto o neopentecostalismo e como se… você tem que ter um produto para vender, né?

A: Sim.

T: Então. Qual é a nossa vendagem? Falamos da vendagem deles, mas qual é a nossa vendagem?

A: Nossa vendagem e nosso produto é um produto que deve nos conduzir a solidariedade e a fraternidade, a irmandade, que é o grande sonho de Jesus. O dele não é! O deles é interesse próprio. O nosso é, o interesse próprio com a armadura da fraternidade e da solidariedade, deles não é. Não tem nada de fraterno e solidário em neopentecostal, é “O meu bolso!”. Nós não. “O meu bolso, mas eu sou chamado a ser sensível na solidariedade e na fraternidade.”.

T: Então, muito boa sorte em Miguel Couto e com o seu novo cargo de… de…

A: Vigário Paroquial.

T: E também na Pastoral da Educação.

A: Não sei se aceitarei, né. ((Risos)). Tem foto que você falou, tem foto? Ou não precisa não?

T: Não, não precisa.